

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ
15 e 29 de maio de 2025

BRIGHT LEAF / 1950

Fumos de Ambição

Um filme de Michael Curtiz

Realização: Michael Curtiz / **Argumento:** Ranald MacDougall / **Fotografia:** Karl Freund / **Direção Artística:** Stanley Fleischer / **Montagem:** Owen Marks / **Figurinos:** Leah Rhodes, Marjorie Best / **Música:** Victor Young / **Intérpretes:** Gary Cooper (Brant Royle), Lauren Bacall (Sonia Kovac), Patricia Neal (Margaret Singleton), Jack Carson (Christopher Malley), Donald Crisp (James Singleton), Gladys George (Rose), Elizabeth Patterson (Tabitha Jackson), Jeff Corey (John Barton), Taylor Holmes (advogado Calhoun), Thurston Hall (Phillips), James Griffith (Ellery), Marietta Canty (Queenie), William Walker (Simon), etc.

Produção: Henry Blanke, para a WARNER BROS. / **Cópia:** 16mm, preto e branco, versão original legendada eletronicamente em português / **Duração:** 98 minutos / **Estreia Mundial:** Nova Iorque, 16 de Junho de 1950 / **Estreia em Portugal:** Monumental, 4 de Janeiro de 1952

Nota: A cópia apresenta um ligeiro ruído de fundo, de que pedimos desculpa.

Por altura deste filme, Gary Cooper estava na sua década de maturidade, tendo finalmente conquistado um Oscar em **Sergeant York** de Hawks, período marcado por papéis tão sugestivos como o de **Meet John Doe** de Capra, **For Whom the Bell Tolls** de Sam Wood, **The Story of Dr. Wassell** e **Unconquered** de DeMille. Em 1948 interpreta uma das suas personagens mais poderosas, **The Fountainhead/Vontade Indómita** de King Vidor, onde contracena com Patricia Neal, uma estreada de 22 anos de fogo nas veias que punha a arder os sentidos dos homens. Entre os dois nasceu um romance “escaldante” que pôs em perigo o casamento de Cooper, e alimentou as colunas de mexericos durante e após as filmagens. Para explorar o interesse que tal relação despertava nos cinéfilos, a Warner decidiu juntá-los de novo nesta adaptação de um *best seller* de então, **Bright Leaf** de Foster Fitz-Simons. Para tornar o elenco ainda mais “picante” juntou-se-lhe outro “condimento” apreciado dos espectadores e que também vivera outro “romance” semelhante mas com outros resultados: Lauren Bacall.

Na altura de **Bright Leaf** já a paixão entre Cooper e Neal tinha esfriado, mas à luz dos acontecimentos não deixa de ser curioso comparar o filme de Curtiz com o de Vidor, não em termos artísticos (tenho para mim **The Fountainhead** como um dos maiores da história do cinema) mas pelo que “mostra” dessa relação. No filme de Vidor é a paixão que irrompe poderosa e forte, arrastando tudo consigo até à consumação. No de Curtiz a relação é já a de uma obsessão e frustração, não sei se espelhando involuntariamente (?) o estado de coisas entre o par.

A paixão de Royle (Cooper) por Margaret (Neal) é apenas uma obsessão de que o personagem não dá conta, convencido de que se trata de “amor”, e que se arrisca a ser destruído no processo. O que o move, antes de mais, é um ódio de “classe”, a de um pequeno proprietário (a pequena plantação de tabaco que pertencia ao pai) contra o magnate, o latifundiário, grande senhor de terras e cacique da região (Donald Crisp) que não está disposto a ver o seu sangue (através da filha Margaret) misturar-se com o de um “plebeu”, optando

pelas medidas drásticas fazendo expulsar da região Royle e o pai. Muitos anos depois Royle regressa julgando que a herança do tio, entretanto falecido, lhe permitiria a desforra. Não é esse o caso e Royle parece estar num beco sem saída para dar vazão ao seu ódio e à sua obsessão por Margaret. Até que encontra Barton (Jeff Corey), inventor de uma máquina automática de enrolar cigarros que permite aumentar a produção e, em consequência, embaratecer o produto. Royle recorre a uma velha amiga, Sonia (Lauren Bacall), para arranjar o capital que possibilite a construção da máquina. A partir daí tudo se desenvolve segundo as regras “clássicas” da luta capitalista, acabando Royle por se tornar um magnate tão poderoso como o seu “velho” inimigo, que acabará por destruir, e construir um monopólio que será alvo de uma investigação do governo federal na sequência do combate anti-monopolista, necessidade que nasceu das sucessivas crises económicas que assolaram o país nas décadas de reconstrução entre o fim da guerra civil e o do século. Porém, para Royle, a conquista do poder não é mais do que uma maneira, como atrás dissemos, de chegar à mulher que julga amar, ilusão que o leva a tornar-se um brinquedo nas suas mãos, tornando-o amargo e levando-o a romper com os seus verdadeiros amigos. Curtiz deixa-se arrastar pela rotina na narrativa (organizada em forma “circular” que faz o personagem “regressar” ao ponto de partida. Aliás, o final é uma espécie de imagem “invertida” do começo: onde se via Royle entrar a cavalo na povoação de Kingmont, «city of Singleton Tobacco C^o», vemo-lo sair pelo mesmo caminho mas a tabuleta ostenta agora como dizeres: «city of Royle Tobacco C^o»), confiante no carisma dos intérpretes e no saber dos colaboradores. Entre estes o destaque vai fundamentalmente para o director de fotografia, Karl Freund, que arranca momentos magníficos de tensão entre os personagens, principalmente a partir da profundidade de campo, que por vezes lembra métodos semelhantes de Gregg Toland em **Citizen Kane**. Mas o mais curioso de **Bright Leaf** acabou por ser a forma displicente como encarava a censura. Era o tempo em que começavam as primeiras machadadas do código Hayes (**The Outlaw, Duel in the Sun, Leave Her To Heaven**, etc.). **Bright Leaf**, cingindo-se rigorosamente aos critérios do código acaba por subvertê-lo numa irrisão de gozo. Não podendo chamar os “bois” pelo seu nome, o filme de Curtiz chama à casa de passe de Sonia uma “pensão”, estratégia frequente no cinema americano dos anos 30. Mas quando Royle faz Barton entrar nela, Sonia refere-se à “reunião” como uma festa de família, embora as imagens sejam por si mesmo explícitas, apresentando todas as “meninas” como “primas”, e quando lhes indica o pianista este apresenta-se, num tom vincadamente irónico, como “primo”. Para o tempo era algo de tão politicamente incorrecto como a defesa do prazer de uma simples “cigarrada” hoje em dia.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico